

“Palco das diferenças”, a escola faz a diferença...

Antonio H. Aguilera Urquiza

Doutorando em Antropologia pela Universidade de Salamanca/Espanha. Professor da Faculdade Estácio de Sá.
e-mail: hilário_aguilera@yahoo.es

NASCIMENTO, Adir Casaro. *Escola indígena: palco das diferenças*. Coleção Teses e Dissertações em Educação. vol. 2. Campo Grande: UCDB, 2004.

A obra *Escola Indígena – Palco das Diferenças*, 2º volume da “Coleção Teses e Dissertações em Educação” da UCDB Editora (2004), é apresentada pela própria autora, professora Adir Casaro Nascimento, como um estudo do conceito de diferença, o qual adquire um caráter epistemológico a ser tomado e vivido, como um eixo curricular que promova o diálogo, a mediação reflexiva, o apropriar-se da pluralidade sem que haja a dissolução étnica, provocando assim, a necessidade de uma reinvenção da escola para as populações indígenas e por conseqüência a ressignificação das práticas pedagógicas/ educativas.

Vivendo o presente de uma ordem mundial globalizada e assentada no movimento de capitais virtuais, torna-se duplamente desafiador falar e apresentar um texto que trata da diferença, dentro da realidade indígena. Inclusive porque este cenário das contradições sociais, que emerge do chão da economia, reflete-se, como não poderia deixar de ser, também no campo da educação, nos projetos pedagógicos, de forma ainda mais acentuada, quando tra-

tamos da educação indígena.

O conceito de *diferença*, talvez seja uma das grandes questões colocadas às ciências sociais na atualidade, pois se trata de um dado da própria realidade humana, ou seja, o que nos une de fato, são nossas diferenças. Todos reconhecem a diferença como um dos traços mais significativos da cultura contemporânea, afinal, a diferença não é só compatível com o ser humano, mas é sua própria condição.

Como ponto de partida podemos dizer que o termo diferença procede da língua latina *differentia* que designa a qualidade de ser diferente, ou seja, aquele que não é igual, que não coincide, que difere ou diverge¹. Esta aproximação inicial ao conceito, através da filologia, não nos revela toda a riqueza semântica do termo, sobretudo porque, na atualidade da reflexão dentro das ciências sociais, relacionamos diferença mais à diversidade do que à desigualdade, uma vez que “a diferença identifica e a desigualdade deforma”.

Tendo em vista a corajosa opção feita pela autora ao longo de sua vida aca-

dêmica pelas minorias, neste caso a etnia Guarani/Kaiowá, é evidente que ela adote, ao longo do seu texto, a posição óbvia de que diferença não é sinônimo de desigualdade; ou melhor, com diferenças muitas vezes escondemos desigualdades. A tentativa é justamente, através de um estudo crítico, detectar os mecanismos que acobertam as desigualdades, em nome das diferenças culturais, a partir do contexto da educação.

Reconhecer a diferença cultural na sociedade e na escola traz como primeira implicação, para a prática pedagógica, o abandono de uma perspectiva historicamente monocultural, que seria tratar todos os alunos como idênticos, com saberes e necessidades semelhantes, o que o exime de diferenciar o currículo e a relação pedagógica que se estabelece em sala de aula. Mais contraditório, porém, quando esse tratamento homogeneizador ocorre dentro de uma escola indígena.

Na perspectiva da educação, o reconhecimento da diversidade cultural gera, em um primeiro momento, atitudes e práticas multiculturais, ou seja, a busca do diálogo e a tentativa de que o outro seja reconhecido em sua diferença. Entretanto, como não basta reconhecer a diferença, é necessário estabelecer uma relação, ou melhor, uma inter-relação entre as pessoas de culturas diferentes para justamente permitir um entendimento recíproco, o que chamamos de educação intercultural.

Profundamente relacionada à questão da *diferença*, na prática pedagógica, a interculturalidade em seus projetos educativos favorece que a cultura própria e outras culturas interajam e se enriqueçam de ma-

neira dinâmica e recíproca, contribuindo para plasmar na realidade social uma coexistência em condições de respeito e valorização mútuos, de equidade e igualdade, fundamentadas no intercâmbio de saberes, conhecimentos e no reconhecimento do outro como diferente, porém não inferior.

Ao tratar da *Escola Indígena: palco das diferenças*, conjuntamente às questões do protagonismo, autonomia e alteridade, a autora vai realizando, dialeticamente, um debate profícuo acerca da atual realidade das escolas indígenas no Estado do Mato Grosso do Sul, particularmente as Guarani/Kaiowá e as várias tentativas de implantação de uma educação indígena proposta pelo Governo Federal, concretizada no RCNEI (Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena), a qual sugere que seja intercultural, específica, diferenciada, bilíngüe e comunitária. Neste caso, a proposta de interculturalidade surge como o caminho que deverá conduzir ao respeito pelas diferenças culturais, produzidas no processo de contato entre culturas distintas.

A presente publicação - adaptada de sua tese doutoral², porém, sem mudanças substanciais - está organizada em três capítulos, que percorre desde a fundamentação teórica do próprio conceito de diferença, passando pela emergência do índio e da educação escolar indígena, até chegar na discussão das propostas atuais de implantação oficial de uma educação indígena. O que mais chama a atenção em todo este percurso, é a habilidade da autora de dialogar uma refinada pesquisa teórica com uma particular e atenta pesquisa empírica, fruto de vários anos de experiência, diálo-

go e presença entre as populações indígenas Guarani/Kaiowá.

"*A questão indígena e a diferença*". Trata-se de um primeiro capítulo dedicado às questões metodológicas e conceituais, ressaltando a complexidade da relação entre o índio, a escola e a diferença. Neste sentido relembramos aqui, em palavras de Silva (2002:66)³ algumas impertinências, como por exemplo: A diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade. (...) A diferença não tem nada a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y.

No segundo capítulo "*Quem é o índio que quer escola?*" a autora retoma o percurso de emergência do índio e da educação escolar indígena no cenário nacional, pondo em destaque a situação do índio contemporâneo em sua condição de sujeito histórico, possuidor de uma identidade construída sob o jugo da colonização. Este mesmo índio, por outro lado, é apresentando pela autora, como sujeito histórico, que consciente de sua condição de minoria que tem direitos, reivindica participar de um processo de interculturalidade e de convivência, em pé-de-igualdade, com a sociedade não-índia.

Apesar das mudanças que se introduziram na nova constituição de 1988, e os atuais movimentos indígenas no Brasil e na América Latina por direitos, na verdade, as relações interétnicas seguem reforçando a situação subordinada dos índios em relação à sociedade mais ampla. Na vida cotidiana das comunidades indígenas vive-se um constante choque cultural e uma

grande falta de respeito pela *diferença*. Geralmente não há, nestas relações, equidade, valorização positiva, aceitação nem respeito pelas culturas indígenas.

Muitos, em nome de um certo respeito à diferença, acabam produzindo um novo *apartheid* cultural que, visando a criar igualdade, reafirmam a separação. A história mostra-nos que igual desenvolvimento e separação jamais conseguiram coexistir. Com separação não há igualdade, há *apartheids*. "A igualdade só existe quando há possibilidade de se compararem as coisas" (SOUSA SANTOS, 2001, p. 22)⁴.

No terceiro capítulo "*Educação Escolar Indígena: mas o que é e onde está a diferença?*" Nascimento realiza algo não muito comum em estudos teóricos: ela traz para a frente do palco das discussões a própria fala dos protagonistas originais da questão: os professores indígenas e lideranças. A partir das falas destes personagens a autora vai reconstituindo com apoio teórico de Certeau, Perrenoud, Giroux, Sousa Santos, Bakthin e outros, a questão dos processos educativos entre os alunos indígenas das escolas Guarani/Kaiowá. Uma vez mais se comprova que uma educação específica e diferenciada representa o caminho para o reconhecimento da cidadania plena, para o respeito a diferença e para a busca de um futuro com maiores possibilidades de igualdade social.

A autora tece as considerações finais de seu livro afirmando os limites e as possibilidades de concretização da categoria *diferença* nas escolas públicas para as comunidades indígenas, ou melhor, chega à conclusão de que, na prática, não é possí-

vel a existência de um significado preestabelecido para o conceito de *diferença*. Em palavras da própria autora:

(..) a *diferença*, embora possa ser uma categoria que rompa com os modelos cristalizados, terá que ser sempre construída, reelaborada. A *diferença*, enquanto uma teoria da educação, será sempre dinâmica, dialética e superadora. (...) o conceito de *diferença* e especificidade também dependerá das particularidades, das singularidades, das histórias e das perspectivas de futuro de cada comunidade (pp. 175-6).

Retomando, de certa forma, a trajetória inicial do livro, podemos concluir afirmando, mais uma vez, que instituída em um panorama de negação da diferença, a educação dos índios, desde sua origem no Período Colonial até final do século XX, esteve marcada por ações de catequese, civilização e integração. Até bem pouco tempo, grande parte das escolas indígenas “tinham como tarefa principal a transformação do ‘outro’ em algo ‘similar’ que, por definição, será sempre inferior ao original” (SILVA Y AZEVEDO, 1995:151)⁵. Neste sentido, independente da cultura em que se desenvolve, uma proposta de educação intercul-

tural teria que assumir o objetivo de contribuir para a construção de uma relação igualitária e de intercâmbio entre os grupos em contato. A educação intercultural surge, desta maneira, na raiz dos conflitos e das demandas sociais e políticas das comunidades indígenas, que consideram que seus direitos como cidadãos democráticos não são respeitados nem reconhecidos.

Notas

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

² Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Neto, Campus de Marília – NASCIMENTO, Adir Casaro. Educação escolar indígena: em busca de um conceito de educação diferenciada.

³ SILVA, Tomás Tadeu. Identidade e diferença: Impertinências. In: *Educação & Sociedade*. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação. CEDES: Campinas/SP. n. 79, ano XXIII, agosto/2002.

⁴ SOUZA SANTOS, Boaventura. Dilema do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRS, Faculdade de Educação, vol. 26, n. 1, p. 13-32, 2001

⁵ SILVA, Luiz Heron da & AZEVEDO, José Clóvis de. (org.). *Reestruturação Curricular*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em 05 de outubro de 2004.

Aprovado para publicação em 01 de novembro de 2004.